

UMA VISÃO DO NEOLIBERALISMO: SURGIMENTO, ATUAÇÃO E PERSPECTIVAS

Jackson B. A. de Cerqueira *

RESUMO — *Busca-se fazer uma abordagem sucinta, porém não superficial, sobre origem e desenvolvimento do neoliberalismo. O propósito é mostrar, de forma didática, os fundamentos econômicos sobre os quais repousa a teoria neoliberal, observando-se sempre a prática implementada em diversos países do continente europeu, América Latina e Estados Unidos, tanto de posições ideológicas de direita, quanto social-democratas e socialistas. O trabalho destaca os pontos cruciais abordados pelos estudiosos do tema, e contempla desde a origem do neoliberalismo até as suas perspectivas futuras, passando pelas fases de crescimento, desenvolvimento e hegemonia no mundo. Do mesmo modo, procura analisar as forças de resistência através dos principais setores que dificultam o avanço das práticas neoliberais: os que são inerentes a um Estado de bem-estar social, já implantado em países desenvolvidos e/ou em vias de desenvolvimento e aqueles provenientes dos sindicatos organizados nas diversas instituições da sociedade civil.*

PALAVRAS-CHAVE: *Neoliberalismo. Mercado. Hegemonia.*

1 ORIGENS DO NEOLIBERALISMO

O neoliberalismo iniciou após a II Guerra Mundial e teve como principal base teórica o livro “A caminho da Servidão”, de Friedrich Hayek, escrito em 1944. O que se destaca de fundamental na teoria do conhecimento de Hayek é o seu ataque à racionalidade econômica, em que prima a individualidade ou das pessoas ou das empresas.

*Prof. Adjunto (DCIS/UEFS). Mestre em Administração (UFBA). E-mail: jacksoncerqueira@terra.com.br

Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de CIS.
Tel./Fax (75) 3224-8049 - BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44031-460. E-mail: cis@uefs.br

.... Sua teoria do conhecimento afirma que, devido à própria natureza do conhecimento econômico, nenhum cérebro único, individual ou coletivo (e ele poderia ter acrescentado agora o sistema computadorizado), é capaz de conhecer todos os fatores relevantes para as decisões econômicas que possam vir a tomar. Da mesma forma, uma autoridade única não pode centralizar com eficácia o conhecimento dos indivíduos. O principal elemento do conhecimento economicamente relevante é, de acordo com Hayek, o “conhecimento do tempo e da circunstância”. Em geral o que é tácito – “coisas que se sabe mas não se pode dizer” – muitas vezes é efêmero e sempre passível de erro. Como consequência, socialmente podemos entrar no mundo às cegas: nunca somos capazes de saber as seqüelas sociais de nossas ações... (WAINRIGHT, 1998, p.44)

Observa-se, aqui, uma forte resistência, rejeição mesmo, ao processo de intervenção planejada e racional na economia por parte dos indivíduos e empresas, pois é inerente a esse pensamento que o caráter intrínseco da economia impede tal procedimento que vai de encontro ao processo natural da civilização.

A questão do conhecimento, do acúmulo de informações e do seu uso na economia é fundamental para Hayek:

... O caráter peculiar do problema de uma ordem econômica racional é determinado precisamente pelo fato de que o conhecimento das circunstâncias das quais temos que fazer uso nunca existe de forma concentrada ou integrada, mas somente como fragmentos dispersos de um conhecimento incompleto e em geral contraditório que todos os indivíduos separadamente possuem. O problema econômico da sociedade não é, dessa forma, como alocar recursos “dados” ... E sim como garantir o melhor uso dos recursos conhecidos de quaisquer dos membros da sociedade, para fins cuja importância relativa somente esses indivíduos conhecem. Em resumo, o problema relevante é o

da utilização do conhecimento que não é dado a ninguém em sua totalidade...(WAINRIGHT, 1998, p.45)

Um reforço constante no individualismo é traço característico e preponderante em Hayek, ele afirma:

...fato indiscutível que ninguém pode esperar alterar e que , por si só, é base suficiente para as conclusões dos filósofos individualistas: as limitações constitucionais do conhecimento e dos interesses do homem, o fato de que ele não pode saber do que uma ínfima parte do todo da sociedade e que, portanto tudo o que pode participar de seus motivos são os efeitos imediatos que suas ações terão na esfera que ele conhece. Todas as possíveis diferenças nas atitudes morais dos homens resultam em pouca coisa, no que diz respeito ao seu significado para a organização social, comparadas com o fato de que tudo que a mente do homem pode eficazmente compreender são os fatos do limitado círculo do qual é o centro...(WAINRIGHT,1998, P.51)

As principais idéias de Hayek quanto ao neoliberalismo tiveram como aliados: Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig Von Mises, Walter Eupken, Walter Lipman, Michael Polanyi, Salvador de Mandrija, entre outros. Fundou-se a Sociedade de Mont Pèlerin, cujo propósito se baseava no combate ao keynesianismo e, se caracterizava pela natureza franco-maçônica neoliberal, altamente dedicada e organizada. A cada dois anos, realizam-se encontros internacionais para preparar as bases de outro tipo de capitalismo, duro e livre de regras para o futuro. (ANDERSON, 1995, p.10)

Vale ressaltar que, para Hayek, o papel do Estado tem de ser, conseqüentemente, o oposto da engenharia social. Em vez de remediar a desigualdade gerada pela justiça do mercado, seu papel tem de ser o de proteger a ordem espontânea. Durante 20 anos, nas décadas de 50 e 60, os pressupostos neoliberais ficaram latentes, pois as condições econômicas

eram de prosperidade do capitalismo, com participação do Estado intervindo no processo produtivo direta ou indiretamente, até que em meados da década de 70,

... todo o mundo capitalista avançado caiu numa longa e profunda recessão, combinando, pela primeira vez, baixas taxas de crescimento com altas taxas de inflação, mudou tudo. A partir daí as idéias neoliberais passaram a ganhar terreno. (ANDERSON, 1995, p.10)

2 FUNDAMENTOS ECONÔMICOS

Na década de 70, o mundo capitalista viu sua economia abalada por profunda recessão, com as grandes e médias companhias trabalhando abaixo da sua capacidade instalada de produção, baixas taxas de crescimento econômico e inflação alta (quanto mais alta mais, propícia à expansão da política econômica neoliberal).

Nesse contexto, foram estabelecidas as condições ideais para a implementação das teses neoliberais, principalmente, com as eleições de Margareth Teatcher, em 1979, na Inglaterra, e Ronald Reagan, em 1980, nos Estados Unidos. As principais idéias neoliberais colocadas em prática, com variação em um ou outro país, a depender da especificidade de cada um, são as seguintes:

- a) Aproveitar o momento de recessão econômica, com uma das suas consequências mais dramáticas e socialmente injustas que é o desemprego, para enfraquecer o movimento sindical organizado, levando no todo dessa proposição à perda de vantagens adquiridas e acumuladas ao longo dos anos por parte dos trabalhadores, principalmente, nas décadas 50 e 60 quando da pujança crescente do capitalismo. Estas medidas são consideradas de suma importância, pois contribuirão para a acumulação de capital das empresas, que assim obterão poupança para novos investimentos;
- b) O equilíbrio da balança de pagamentos é essencial e, melhor ainda, se houver superávit nas transações

- comerciais e de serviços, que redundará em mais recursos para as empresas e tranquilidade para o país, conseqüentemente gerando divisas e disponibilidade financeira para propiciar investimentos básicos em infra-estruturas próprias e expansão da iniciativa privada;
- c) Retirada da participação do Estado na economia como agente produtivo e em determinadas situações saindo também de funções de regulamentação ou de setores produtivos da economia através de uma política de desestatização. Como exemplo desta prática temos os governos Teatcher:

...se lançaram num amplo programa de privatização, começando por habitação pública e passando em seguida à indústria básica, como o aço, a eletricidade, o petróleo, o gás e a água...(ANDERSON, 1995, p.12)

- d) Viabilização das reformas fiscais por parte do Estado, como forma de incentivar os agentes econômicos. Isto significa a redução da taxaço sobre os mais altos investimentos, no sentido de fomentar as desigualdades. ... Ademais, reformas fiscais eram imprescindíveis para incentivar os agentes econômicos. Em outras palavras, isso significava reduções de impostos sobre os rendimentos mais altos e sobre rendas. Desta forma, uma nova e saudável desigualdade iria voltar a dinamizar as economias avançadas, então às voltas com uma estagflação, resultado direto dos legados combinados de Keynes e de Beveridge, ou seja, a intervenção anticíclica e a redistribuição social, as quais haviam tão desastrosamente deformado o curso normal da acumulação e do livre mercado. O crescimento retornaria quando a estabilidade monetária e os incentivos essenciais houvessem sido restituídos...(ANDERSON, 1995, p.11)
- e) A redução constante e progressiva dos gastos públicos nas áreas sociais – saúde, educação, previdência, de

assistência ao trabalhador desempregado (via seguro desemprego) entre outras. Em síntese, a diminuição do Estado de bem-estar.

O conjunto de medidas dessa ordem quando implementadas visam, de um lado, a diminuição da participação do Estado como agente produtivo e regulamentador da economia na promoção do Estado de bem-estar e, por outro lado, a transferência de recursos financeiros para o Estado a serem carreados para atividade produtiva e/ou investimentos que beneficiem e ampliem a participação das empresas na economia, como também o aparelhamento e diversificação dos meios policiais e militares, a fim de que possam “melhor enfrentar” o grande contingente de desempregados e insatisfeitos que surgirão, principalmente os organizados via sindicatos e outras entidades civis, e até os movimentos espalhados de forma “desorganizada” (mas não menos insatisfeitos e inquietos).

Observa-se uma clara e inequívoca tendência no plano político, acirrada pela política econômica neoliberal, acentuando-se, propositadamente, a desigualdade em uma magnitude nunca antes vista, dada a sua extensão:

1. entre os países desenvolvidos e os demais países;
2. entre as empresas (pessoa jurídica), com a formação e fortalecimento de monopólio e oligopólio e o desaparecimento (via falência, incorporação e fusão) de inúmeras empresas;
3. entre o contingente de pessoas físicas mais ricas (em menor número) e de pobres (cada vez maior).

3 O PAPEL DO MERCADO

Trata-se de verificar o papel de dois mercados que são distintos na sua funcionalidade mas estreitamente relacionados no sistema capitalista - que é o mercado das empresas de produção e comercialização de mercadorias e serviços e, especificamente, o mercado financeiro (também prestador de serviços), que tem toda uma particularidade. Na atualidade,

com a crescente hegemonia do neoliberalismo, percebe-se um crescimento direcionado e favorável às grandes empresas capitalistas e, paralelamente, um papel de destaque para o mercado financeiro. Para melhor compreensão, se fará uma análise, em separado, desses dois mercados.

3.1 Mercado de Produção de Bens e Serviços

A política de mercado praticada pelo neoliberalismo pressupõe, principalmente, um conteúdo de fundo ideológico de fortalecimento e ampliação do raio de abrangência nacional e internacional das grandes empresas. Isso tem uma tendência histórica real de fortalecimento de empresas oligopolistas (e mesmo de monopólios) que vem se constatando da década de 70 até os finais dos anos 90, com perspectiva relevante de adentrar pelo novo milênio. Faz parte de uma política que busca a concentração de capitais, na expectativa do aumento no volume de investimentos, já que se permitem ou se criam as condições objetivas – do acúmulo da poupança das unidades produtivas.

A ideologia predominante se contrapõe diretamente não só ao socialismo como ao que se pode denominar de “capitalismo organizado”, com o Estado capitalista adotando variantes do planejamento soviético.

... Havia o New Deal nos Estados Unidos, as políticas de Schacht na Alemanha, as novas políticas sócio-democratas na Escandinávia, as políticas sócio-econômicas adotadas (com menor sucesso) pelo governo da frente popular na França, etc. Nessa época, era o capitalismo organizado que fixava os parâmetros. As formulações do tipo de Hayek pareciam coisas de eremitas perdidos no deserto. Havia nesse período uma variante de alternativas políticas e ideológicas em disputa no âmbito dos parâmetros do capitalismo organizado. Todos tinham de se adaptar à configuração institucional particular que conformava o capitalismo na época. Isto não quer dizer que não havia opções reais em disputa. Existiam, por exemplo, grandes

diferenças políticas e ideológicas no que concerne aos conceitos de democracia e repressão entre o nazismo tecnocrático de Schacht, o New Deal, os acordos na Escandinávia e a administração dos planos quinquenais soviéticos. Mas os parâmetros estavam fixados pela própria natureza do capitalismo organizado que caracterizou o período em questão. Vejo alguns paralelos entre essa situação e a de hoje, só que hoje os parâmetros são fixados por um novo tipo de capitalismo competitivo. A esquerda tem relutado muito em ver ou reconhecer este novo dinamismo no mercado... (THERBORN, 1995, p.160)

Essa situação, denominada por Goran Therborn de capitalismo competitivo em contraposição ao período de entre guerras e em especial os anos trinta, retrata, fielmente, uma visão do estágio do capitalismo no neoliberalismo.

Para se concretizar e criar condições propícias para a denominada “competição,” deve-se facilitar o livre mercado entre as nações, quebrando-se as barreiras existentes (os ditos protecionismos), facilitando a movimentação financeira via entrada de capital financeiro chamado de produtivo e saída via remessa de lucros (e na esteira também o especulativo), desregulamentar a economia com a retirada do Estado, tanto do papel de normatizador e regulador de questões econômicas e sociais como, ainda, na qualidade de agente produtivo, vendendo suas empresas.

Paralelamente, fortalece-se o Estado nas suas funções policiais e militares, criando-se as condições adequadas para uma atuação mais marcante e eficiente na repressão às insatisfações que venham a ser expressas na sociedade civil.

Efetivamente, a tendência mundial que vem se confirmando é essa, acentuada pelo papel do mercado financeiro (como poderá se ver adiante), mas cabe apresentar dois contra-argumentos levantados por Atilio Borón:

a) ...No entanto, a impressão que eu tenho é de que estamos diante de um capitalismo que reforçou extraordinariamente as suas estruturas e práticas

oligopólicas. Na América Latina, se estamos certos de algo é de que o capitalismo é hoje muito menos competitivo do que vinte anos atrás. A presença de monopólio e oligopólios não tem precedentes na nossa história. A impressão que tenho é de que nos mercados mundiais este processo também se manifesta com intensidade. Por exemplo, a UNPD publicou recentemente estatísticas que indicam que um grupo de quinhentas empresas transnacionais, controlam cerca de 80% do comércio internacional, revelando um grau inédito de concentração econômica. Não compreendo a sua referência a um capitalismo “mais competitivo...” □:(BORON, 1995, p.162)

b) ... Sim , mas há acesso universal a esses mercados? Em relação a isto, acho que há dois problemas. Um é o das proteções não-tarifárias presentes no comércio internacional que prejudicam, notadamente, a América Latina e os países do terceiro mundo. O outro é o grau de abertura real dos mercados internacionais e o acesso efetivo que pequenas e médias empresas podem ter a estes. Isto é, a Unilever ou a Shell pode ter acesso a qualquer mercado internacional, mas uma pequena ou média empresa brasileira ou argentina não...(BORON, 1995, p.163)

Foram colocadas, também por Atílio Boron, questões que estavam acontecendo já em 1995 e que foram acentuadas até 1999 e com perspectivas de continuidade, como:

1. O fortalecimento dos monopólios e oligopólios;
2. A manutenção de barreiras protecionistas nos países industrializados e “quebra” destas em países do terceiro mundo;
3. O aumento de grandes empresas e até desaparecimento (via falência, fusões ou incorporações) de empresas de médio e pequeno porte no terceiro mundo e;
4. O fortalecimento do capital financeiro como atrativo real de lucro melhor que investimentos produtivos (inicialmente somente para vultosos recursos, hoje até para valores menores).

Acentue-se, agora, como passagem da análise de mercado industrial, comercial e de serviços (exclusive o financeiro) para a análise dos mercados financeiros, o que diz Goran Therborn sobre a competição e concorrência no neoliberalismo:

... Outro aspecto da nova concorrência é o papel desempenhado pelos mercados financeiros. Aqui, todas as grandes empresas de produção têm um protagonismo muito importante. Os departamentos financeiros de empresas industriais, como Unilever, ou os de qualquer empresa automobilística têm uma relevância muito mais destacada do que antes para a geração de lucros nestes mercados. Em suma, os mercados financeiros de capitais são eminentemente competitivos... (THERBORN, 1995, p.162)

3.1 Mercado Financeiro

Parte-se da convicção resultante do panorama mundial, no que concerne à movimentação de capitais financeiros, indo por um lado sempre para países onde a combinação de estabilidade política e financeira, combinada com taxas de juros atrativas e, por outro, saindo (fugindo mesmo), ao menor sinal de risco. Essa situação predominante na atualidade terá que ser regulamentada, pois não haverá condições de aceitação e manutenção, por muito tempo deste capital puramente especulativo, dada a insegurança que lhe acompanha quando estão aportados em determinado país. Haja vista o que se passou no México, Coréia do Sul, Indonésia e recentemente no Brasil, Argentina e Chile, respeitada a especificidade política e econômica de cada país.

As condições objetivas proporcionadas pelo rápido avanço da alta tecnologia da indústria da informática (com equipamentos e programas cada vez mais aperfeiçoados em complexidade, velocidade e soluções para inúmeros problemas) e das telecomunicações em nível global, permitem uma rápida mobilidade do capital financeiro, até mesmo quando não mais interessa, pois não há restrições ao seu movimento de entrada e saída nesses países.

A lógica predominante é a do lucro máximo inerente a qualquer unidade de produção capitalista (seja no mercado de produtos, serviços ou financeiro). Com a acumulação de capital que vem ocorrendo nas empresas desde meados da década de 70, uma mudança de prioridade na aplicação das reservas financeiras que passa da decisão das empresas de investir em atividades produtoras de bens e serviços para aplicação no mercado financeiro, no qual auferem maiores lucros com menores riscos.

O movimento do capital financeiro vem beneficiando os grandes grupos multinacionais. No momento em que se transferem para outros países, eles enfraquecem e quebram resistências de toda ordem para penetração e ampliação dos grandes grupos. Assim, percebe-se uma perfeita coerência com a política neoliberal: enfraquecem-se os países do Terceiro Mundo; desarticulam-se os mecanismos de entraves à penetração de multinacionais em áreas e setores reservados; compram-se estatais e empresas de pequeno e médio porte; enfim, ampliando-se o poder da iniciativa privada face ao recuo do Estado.

Em algum momento se deverá conter essa especulação financeira mundialmente praticada. Naturalmente será quando não for mais conveniente aos países industrializados (ou por razões próprias ou pelo advento do crescimento de forças resistentes a estas práticas especulativas) e suas grandes corporações.

Alguns sintomas já estão aparecendo, como se observa no relatório da ONU “Rumo a Uma Nova Arquitetura Financeira Internacional”, de 21 de janeiro de 1999, onde é sugerido o seguinte nível de proposta:

1. O aperfeiçoamento das políticas econômicas em nível global, com a responsabilidade dos países industrializados e dos países em desenvolvimento;
2. A reforma do FMI, para assegurar liquidez internacional em tempos de crise, evitar o contágio de crises financeiras e mitigar seus efeitos adversos;
3. A adoção de códigos internacionais de condutas nas áreas fiscal, monetária e financeira, objetivando uma saudável governabilidade empresarial, melhoria dos

padrões contábeis e maior transparência de informações (o que inclui combate à lavagem de dinheiro e de ativos, à corrupção e à evasão fiscal);

4. A preservação da autonomia das economias em desenvolvimento, especialmente na administração da conta de capital, em oposição às pressões políticas pela completa liberalização, que alguns países desenvolvidos têm defendido insistentemente em fóruns internacionais, como, OCDE, OMC e FMI;
5. A possível suspensão do serviço da dívida, mediante a incorporação de disposições restritivas aos empréstimos internacionais e;
6. A montagem de uma série de organizações regionais e sub-regionais para administrar questões monetárias e financeiras. Essas instituições podem ter importante papel de estabilização, controle e apoio em relação às economias dos países de suas respectivas áreas.

A esses itens, foram acrescentadas duas sugestões: a taxação dos fluxos financeiros de curto prazo, proposta pelo economista James Tobin, detentor de Nobel, visando reduzir a volatilidade dos ativos financeiros e arrecadar fundos para o combate à pobreza; e a criação de um seguro anticrise, sugerida por Robert Rubin, ex-secretário do Tesouro dos Estados Unidos.

O relatório da ONU trata de um embrião de propostas que visam o início de soluções futuras, no nível de uma instituição internacional onde predomina sempre o poder de veto dos países industrializados. Não há condições objetivas de se passar, por exemplo, o item 5, pois trata-se de uma moratória, o que vai de encontro aos interesses do grande capital no atual estágio de crescimento e de correlação de forças do capitalismo mundial sob a hegemonia do neoliberalismo, ancorados pelos países desenvolvidos.

4 O CRESCIMENTO DO NEOLIBERALISMO

O crescimento do neoliberalismo no tabuleiro mundial foi bem descrito por Perry Anderson. Os fatos mais relevantes são, agora, relacionados de forma cronologicamente sequencial (não integralmente na ordem exposta pelo autor):

- Anos 70: ... refiro-me bem entendido, ao Chile sob a ditadura de Pinochet. Aquele regime tem a honra de ter sido o verdadeiro pioneiro do ciclo neoliberal da história contemporânea. O Chile de Pinochet começou seus programas de maneira dura: desregulação, desemprego massivo, repressão sindical, redistribuição de renda em favor dos ricos, privatização de bens públicos. Tudo isso foi começado no Chile, quase um decênio antes de Teatcher, na Inglaterra. No Chile, naturalmente, a inspiração teórica da experiência pinochetista era mais norte-americana do que austríaca. Friedman, e não Hayek, como era de se esperar nas Américas... (ANDERSON, 1995, p.19)
- Em 1979: ... mas, ao final da década, em 1979, surgiu a oportunidade. Na Inglaterra, foi eleito o governo Teatcher, o primeiro regime de um país capitalista avançado publicamente empenhado em por em prática o programa neoliberal... (ANDERSON, 1995, p.11)
- Em 1980: ...um ano depois, em 1980, Reagan chegou à presidência dos Estados Unidos... (ANDERSON, 1995, p.11)
- Em 1982: ... Khol derrotou o regime social liberal de Helmut Schimidt, na Alemanha... (ANDERSON, 1995, p. 11)
- Em 1983: ... a Dinamarca, Estado modelo do bem-estar Escadinavo, caiu sob o controle de uma coalizão clara de direita, o governo de Schluter. Em seguida, quase todos os países do norte da Europa Ocidental, com exceção da Suécia e da Áustria, também viraram à direita... (ANDERSON, 1995, p.11)
- Em 1982 a 1983: ... o governo socialista na França se viu forçado pelos mercados financeiros internacionais a mudar seu curso dramaticamente e reorientar-se para fazer uma política muito próxima à ortodoxia neoliberal, com prioridade para a estabilidade monetária, a contenção do orçamento, concessões fiscais aos detentores de capital e abandono do pleno emprego... (ANDERSON, 1995, p.13)

- ..., na Espanha, o governo de Gonzáles jamais tratou de realizar uma política keynesiana ou redistributiva. Ao contrário, desde o início o regime do partido no poder se mostrou firmemente monetarista em sua política econômica: grande amigo de capital financeiro, favorável ao princípio de privatização e sereno quando o desemprego na Espanha rapidamente alcançou o recorde europeu de 20% da população ativa...(ANDERSON, 1995, p.14)
- ..., na Austrália e Nova Zelândia, o mesmo padrão assumiu proporções verdadeiramente dramáticas. Sucessivos governos trabalhistas ultrapassaram os conservadores locais de direita com programas de neoliberalismo radical - na Nova Zelândia, provavelmente o exemplo mais extremo de todo o mundo capitalista avançado, desmontando o Estado de bem-estar muito mais completa e ferozmente do que Thatcher na Inglaterra...(ANDERSON, 1995, p.14)
- Em 1985: ..., a América Latina também proveu a experiência piloto para o neoliberalismo do oriente pós-soviético. Aqui me refiro, bem entendido, à Bolívia, onde, em 1985, Jeffrey Sachs já aperfeiçoou seu tratamento de choque, mais tarde aplicado na Polônia e na Rússia, mas preparado originariamente para o governo do general Banzer, depois aplicado impertubavelmente por Victor Paz Estenssoro, quando surpreendentemente este último foi eleito presidente, em vez de Banzer. Na Bolívia, no fundo da experiência não havia necessidade de quebrar um movimento operário poderoso, como no Chile, mas parar a hiperinflação. E o regime que adotou o plano de Sachs não era nenhuma ditadura, mas o herdeiro do partido populista que havia feito a revolução social de 1952. Em outras palavras, a América Latina também iniciou a variante neoliberal “progressista”, mais tarde difundida no sul da Europa, nos anos de euro-socialismo... (ANDERSON, 1995, p.20)
- Em 1998: México e Argentina.
- Em 1999: Venezuela, com Carlos Andrés Perez.
- Em 1990: Peru, com Fujimori.

- Em 1989 a 1991: Queda do comunismo na Europa Oriental e na União Soviética.
- Em 1991 a 1993: Na Suécia, a social-democracia, que havia resistido ao avanço neoliberal nos anos 80, foi derrotada por uma frente unida de direita em 1991.
- ... Na Itália, Berlusconi – uma espécie de Reagan italiano chegou ao poder à frente de uma coalizão na qual um dos integrantes era um partido oficialmente facista até recentemente...(ANDERSON, 1995, p.17)
- Em 1994: No Brasil tem início a aplicação de um projeto neoliberal que vem avançando com dificuldades, mas sempre dando passos avançados para uma clara política de abertura da economia para o capital internacional, desnacionalização via privatizações de grandes empresas estatais, tentativas ainda frágeis de desregulamentação das normas trabalhistas, dentre outras não menos significantes. Trata-se na realidade de uma constatação do predomínio de forma hegemônica do Neoliberalismo.

5 AS FORÇAS DE RESISTÊNCIAS

A decisão de governos, de praticar uma política neoliberal, não tem sido aceita passivamente por grande contingente populacional dos países onde estão sendo implementadas essas medidas. Face, em linhas gerais, ao caráter desigual, frio e impiedoso, principalmente nos 3 (três) primeiros anos de funcionamento programático da política neoliberal, uma massa significativa da população tende a ser atingida, seja através do desemprego, da redução salarial, da perda de benefícios diretos e indiretos, dentre outras medidas adotadas.

A oposição ocorre de diversas formas, porém pode-se destacar a existência de estados com uma forte política de bem-estar em execução, já há algumas décadas, sendo difícil a sua desarticulação, por exemplo, por interesse contrário de diversos grupos sociais beneficiários.

... Por volta de 1930, doze importantes países Europeus já haviam implementado os elementos centrais do sistema de seguridade social: seguro contra acidentes, auxílio-doença, previdência aos idosos e seguro–desemprego. Essas medidas foram introduzidas aproximadamente em 1914, 1922, 1923, e 1930, respectivamente... (KING, 1988, p.59)

O papel do funcionário público:

... são os funcionários públicos que têm que responder às pressões ambientais – sejam elas derivadas de conflito de classe, complexidade social crescente ou insatisfação com os processos de mercado – e formular a política pública de acordo com as circunstâncias. Esta última será claramente influenciada pelas estruturas organizacionais e práticas institucionais existentes que definiram seus papéis no Estado e que delineiam as opções de política e suas limitações...(KING, 1988, p.66)

A fonte primária da renda do funcionário público (seu salário) é proveniente de seu emprego no Estado.

..., há cidadãos que recebem uma fração ou a totalidade de sua renda primária do Estado, mas que não são seus empregados diretos ou de uma de suas associações; o grupo proeminente neste caso é aquele que recebe alguma forma de auxílio para manutenção da renda, inclusive pensões. Em alguns países, tal renda derivada do Estado constitui mais da metade da renda do país: por exemplo, na Inglaterra “um total de 56% de todos os receptores de renda recebem uma renda básica do governo”; na França a configuração é similar: em 1950, somente mais de um terço das rendas eram derivadas do Estado; por volta de 1980, mais da metade de todas as rendas ... vinha do governo”; e até nos Estados Unidos, por volta de 1980, “41,7%

de todas as rendas primárias ... vinham do governo”, das quais no mesmo ano, “81% eram oriundas de programas sociais...” (KING, 1988, p.70).

Estas formas de resistência ao neoliberalismo têm sido as mais consistentes e duradouras.

Não se poderia deixar de incluir os sindicatos organizados que, de fato, representam o segmento da sociedade civil mais atingido com a nova roupagem do capitalismo. No primeiro momento, o seu enfrentamento é direto, haja vista a disputa longa e acirrada que ocorreu na Inglaterra. Mas, parece que a medida de força testada e vencida pelo governo Teatcher serviu de “ducha-fria” para as demais organizações sindicais de todo o mundo industrializado e em vias de industrialização. O que passou a ocorrer daí então, ao se acentuar o processo recessivo contido no bojo das medidas econômicas neoliberais, foi um recuo sistemático dos sindicatos, procurando preservar o emprego ou reduzir a aceleração do desemprego com diversas propostas alternativas e conciliatórias.

No que tange às tentativas de diminuição do Estado de bem-estar, mesmo governos de direita que assumiram o poder a partir da década de 70 e início da de 80 (Teatcher e Reagan) tiveram dificuldades no seu desmonte. Na Inglaterra, o êxito maior foi da saída do Estado da política habitacional. Entretanto, reduções do tamanho do Estado de bem-estar estão ocorrendo em todo o mundo, se não pela sua diminuição imediata em forma de cortes, mas pela sua diminuição relativa quando os serviços não mais crescem em proporções iguais ao crescimento populacional. Isso vem ocorrendo, durante as décadas de 80 e 90, até mesmo em governo socialista e trabalhista do continente europeu.

6 PERSPECTIVAS FUTURAS

As perspectivas imediatas são ainda de crescimento mundial do neoliberalismo, ampliando e consolidando seu raio de ação e dominação hegemônico. Com essa tendência sendo confirmada a cada dia, pode-se perguntar a quem interessa o crescimento neoliberal e a quem não interessa.

No plano mundial em que o capitalismo se solidifica, os maiores beneficiários são os grandes grupos multinacionais. Vive-se o momento de grandes fusões e incorporações entre empresas que sozinhas já são grandes em seus respectivos setores. Com a junção sob as mais variadas formas, ficam ainda mais fortalecidas e com mais possibilidades de lucros crescentes que surgem após a união com outras empresas. Beneficiam-se ainda os países do mundo desenvolvido, pois, via de regra, é neles que os grandes grupos têm a sua origem e/ou sede, e para aí são carregados os resultados líquidos de suas operações.

Por outro lado, surgem os mais prejudicados, identificando prioritariamente os trabalhadores desempregados e os países que não são desenvolvidos. A massa de trabalhadores e de beneficiários de planos de assistência e previdência sentem direta ou indiretamente o reflexo da política recessiva e das ações de governo que ou tiram ou reduzem benefícios conquistados ao longo de quatro a cinco décadas. A pressão dos grandes grupos respaldados por governos dos países desenvolvidos permite a quebra de barreiras protecionistas (sob o argumento da liberdade do mercado) dos países subdesenvolvidos e em vias de desenvolvimento, de tal forma que aumenta o fosso existente entre essas economias.

A esquerda está meio tonta e sem proposta concreta no curto e médio prazo que ofereçam alternativas viáveis de enfrentamento, a fim de que se possa pelo menos frear esse avanço rápido do capitalismo.

Das propostas de alternativas ao neoliberalismo, consideram-se as abaixo relacionadas como mais conseqüentes, principalmente, por não estarem acabadas e partirem do pressuposto concreto e real da posição hegemônica e exitosa do neoliberalismo:

... Diante de um neoliberalismo sério necessitamos de uma esquerda séria. Os dias do populismo ficaram para trás. Na minha perspectiva, os novos desafios da esquerda podem ser resumidos em três conjuntos de tarefas.

- Em primeiro lugar, *necessitamos de análises empíricas rigorosas sobre os novos mecanismos de acumulação,*

sobre os processos de mudança cultural e de destruição social.

- Necessitamos, em segundo lugar, *reconhecer o valor da capacidade de gerenciamento, ao mesmo tempo que devemos aprender a manejar a produção, a administração e a direção macroeconômica e macropolítica.*
- A terceira tarefa de uma esquerda *de e para* o futuro consiste em desenvolver algo que eu, pessoalmente, tenho muito pouco: *ampliar a sensibilidade artística na arte política da comunicação de massas...* (THERBORN, 1995, p.182)

Sobre o acréscimo de valores do socialismo, como posição de perspectiva para crescimento e proposta da esquerda, que se somam às anteriormente expostas, tem-se:

... hoje, devemos acrescentar novas idéias a esse conjunto de valores: o feminismo, a liberação feminina, a segurança ecológica e do meio ambiente, o desenvolvimento sustentado, o pacifismo, etc. Princípios que se acrescentam harmonicamente ao *corpus* da tradição valorativa socialista. Mas, também, creio que é muito importante entender que o socialismo requer projetos concretos. Esses projetos, ao estar historicamente condicionados, não podem ser abstratos, como os valores fundamentais. Isto implica pensar o que se pode fazer, no plano concreto, em nome desses valores e em termos de políticas práticas... (BORON, 1995, p. 191)

Não poderia deixar de expor três lições abertas, dialéticas e referências para orientação dos passos da esquerda, segundo Anderson (1985):

- Primeira lição: não ter nenhum medo de estar absolutamente contra a corrente política do nosso tempo;
- Segunda lição: não transigir em idéias, não aceitar nenhuma diluição de princípios;
- Terceira lição: não aceitar nenhuma instituição estabelecida como imutável.

Finalizando, expõe-se uma frase que se considera como ponto fundamental através da qual se pode combater este esplendor da desigualdade que é o neoliberalismo:

... O rumo da mudança deveria ser o oposto de neoliberalismo: precisamos de mais democracia
... (ANDERSON, 1995, p.202).

A VIEW OF NEOLIBERALISM: GROWTH, CORRENT CONDITION AND FUTURE PERSPECTIVES

ABSTRACT - *The objective of this dissertation is to engage in a brief, though substantial, discussion of Neoliberalism, focusing on its origins and its development. The purpose is to verify, by means of a guided approach, the economic foundations on which Neoliberal theory is based, always keeping in view the methods of application adopted by different countries of the European and South American continents, and by the United States, considering those countries with right-wing political orientations as well as those inclined towards social-democratic and socialist ideological positions. The dissertation brings into evidence crucial issues that are the subject of constant reflection by those proficient in this field, and contemplates Neoliberalism from its beginning, through its different phases of evolution-growth, development, and world dominance – to its future. In the same way, it presents an analysis of the resisting forces, present throughout the principal sectors of society, that impede the advance of Neoliberal practices: those inherent to a Welfare State, already implemented in developed countries and/or countries in development, and those originating from Unions, organized in a variety of institutions prevalent in modern society.*

KEY WORDS: *Neoliberalism. Market. Hegemony.*

REFERÊNCIAS

- AYERBE, Luis Fernando. **Neoliberalismo e Política Externa na América Latina**. São Paulo. Editora Unesp, 1998. 195p.
- ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In: EMIR, Sader; GENTILI, Pablo Gentil (Org.). **Pós-neoliberalismo: As políticas Sociais e o Estado Democrático**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. 205p.
- ANDERSON, Perry. et al. A Trama do Neoliberalismo. In: EMIR, Sader; GENTILI, Pablo Gentil (Org.). **Pós-neoliberalismo: As políticas Sociais e o Estado Democrático**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. 205p.
- AVRITZER, Leonardo. Racionalidade, Mercado e Normatividade: Uma crítica dos pressupostos da Teoria da Escolha Racional. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, Nº 44. Março, 1996.
- FERNANDES, Luis. Neoliberalismo e Reestruturação capitalista. In: EMIR, Sader; GENTILI, Pablo Gentil (Org.). **Pós-neoliberalismo: As políticas Sociais e o Estado Democrático**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. 205p.
- KING, S. Pesmond. O Estado e as Estruturas Sociais de Bem-Estar em democracias Industriais Avançadas. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, Nº 22. Outubro, 1988
- PRZEWORSKI, Adam. A Falácia Neoliberal. **Sua Nova, CEDEC**. São Paulo, Nº 28/29, 1993.
- WAINWRIGHT, Hilary. **Uma resposta ao Neoliberalismo**: Argumentos para uma nova esquerda. Tradução Ângela Melim. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Recebido em: 05/06/2008

Aprovado em: 25/06/2008